

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Exl
C 92543213

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

***A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA
SALA DE AULA***

Mariluce Batista Leal Blecha

37.028
136461

BIBLIOTECARIA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6041
Data	25 / 09 / 00

Pontes e Lacerda, julho de 2000

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SALA DE AULA

*Ensaio Monográfico desenvolvido no
Estágio Supervisionado de Língua
Inglesa e Literaturas do VIII Semestre
do Curso de Licenciatura Plena em
Letras da Universidade de Estado de
Mato Grosso – Campus Universitário
de Pontes e Lacerda. Orientadora:
Teresa Pazos da Silva.*

Pontes e Lacerda, julho de 2000

"'Leitura' é um tópico bastante vago, envolvido por uma densa névoa de mística e mitologia pedagógicas. Geralmente se confunde a aprendizagem da leitura com o ensino da leitura — os livros que tratam da 'leitura' ou da 'psicologia da leitura' nada mais são do que tratados de dogmas instrucionais'".

(Frank Smith)

Dedico a

Deus, que carregou-me nos braços nesta longa caminhada e que hoje entrega a mim a taga da vitória. Pois estava dormindo, mas me acordaste e sustentaste-me assim como tua palavra. "Eu me deitei e dormi; acordei, porque o Senhor me sustentou" Salmo 3: 5

Meu Pai, (in memoriam) que revestiu-me com amor e carinho durante sua estada nesta vida, e Minha Mãe que com seu gesto simples e silencioso me ajudou a realizar este sonho impossível aos nossos olhos, com muito amor.

Meu Esposo e Filhos que souberam compreender minhas falhas e sempre deram uma palavra amiga me confortando.

Professora Teresa que me orientou e foi principalmente amiga e incentivadora para que eu chegasse até aqui, respeitando minhas ideias e valorizando-as.

Agradeço a

Minha Família, ao Meu Esposo Jaime e aos Meus Filhos Hugo e Francielly que suportaram-me nos momentos de crise abrindo mão de bons momentos em família e que não mediram esforços para confortar-me e dar as mãos para que eu continuasse nesta batalha, e assim nos tornarmos mais unidos do que nunca.

Minhas Amigas Maria de Lurdes, Rosângela e Teresa que abriram meus olhos, mostrando que sou capaz de crescer em sabedoria e conhecimento.

Minhas Colegas de Classe Solange, Vilma, Maria Aparecida, Alessandra e Aparecida do Carmo, que sabendo das minhas dificuldades estiveram sempre dispostas a ajudar-me sorrindo e chorando comigo.

Terezinha e Aparecida, duas pessoas espetaculares, que auxiliaram-me nas tarefas do lar que de certa forma, educaram também meus filhos, nos momentos em que estive ausente.

Professores: Mércia, Eurides, Lima, Teresa, Hélio e Marlene, que sempre valorizaram meus trabalhos, respeitaram minhas idéias, mostrando-me o caminho para chegar a esta vitória

Sumário

<i>A Importância do da Leitura</i>	<i>07</i>
<i>Concepção de Leitura</i>	<i>16</i>
<i>Conceito e prática de Leitura para os Professores</i>	<i>19</i>
<i>O Caminho da Leitura</i>	<i>24</i>
<i>Professor não leitor forma aluno leitor?</i>	<i>33</i>
<i>Como Avaliar a Leitura</i>	<i>35</i>
<i>A Escola e a Leitura de Mundo</i>	<i>39</i>
<i>Considerações Finais.....</i>	<i>42</i>
<i>Referências Bibliográficas</i>	<i>44</i>
<i>Anexos</i>	<i>45</i>

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Segundo Martins, o processo de aprendizagem da leitura apresenta duas sínteses: uma ficcional e outra autobiográfica. Entende-se por ficcional, o processo em que a leitura é apresentada como algo mágico, fruto da imaginação, irreal. Já a leitura autobiográfica, irá falar do cotidiano da pessoa, suas realizações vê sua perspectiva realista. Com isso se evidencia a curiosidade e o esforço, para o imaginário, para desenhar os segredos do mundo e dar conhecimento ao leitor de si mesmo através do que lê e como lê.

A partir do momento em que conseguimos organizar os conhecimentos adquiridos, quando começamos a fazer relação entre estes conhecimentos e os problemas do dia a dia, estamos pondo em prática as leituras que nos habilitam a ler tudo e qualquer coisa. Pois é através dos conhecimentos adquiridos que conseguimos opinar e viver a realidade que nos cerca, atuando nela. Historicamente, sabemos que

"o conceito de leitura está geralmente, restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuações, social, política, econômica e cultural."

(MARTINS, 1998)

Desse modo vemos que a leitura está restrita à decodificação de sinais, porém se formos pensar em aprendizagem este conceito muda, pois a aprendizagem diz respeito ao indivíduo como um todo vendo a sua atuação em todos os campos de sua vida.

A forma conservadora de conceber a leitura vem de muito longe e de outras épocas.

"Para os gregos e romanos saber ler significava (...)

Ter as bases de uma educação adequada para a vida". (idem, ibidem)

O aprendizado de baseava em disciplina rígida onde eram seguidos os seguintes passos.

"Primeiro decorar o alfabeto, depois soletrar, por fim decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos." (op. Cit. pág. 23)

Apesar de tanto tempo o quadro atual no que tange a leitura não é muito diferente. Muitos educadores continuam usando esta mesma prática que faz com que a relação do educando com a leitura se resume em decorar. Por mais que se mostrem métodos sofisticados, os alunos aprendem por aprender sem que seja colocado o porquê, como e para quê da leitura, não deixando o educando compreender a verdadeira função da leitura, o seu papel na vida dele e da sociedade. Desse modo:

"Prevalece a 'cultura do silêncio', se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos". (Paulo Freire, 1989, pág. 23)

Os educadores não podem servir-se da posição de intelectuais, transmitindo para os educandos o que lhes parece conveniente. Seria interessante se os educadores valorizassem a leitura de mundo que o aluno traz, que partissem do conhecimento dos educandos para trazê-los até outras formas de conhecimento, pois com isso estes aprenderiam melhor e com mais facilidade, transformando-se através de uma prática consciente.

"O papel do educador na intermediação do objeto

lido com o leitor é cada vez mais repensando, se da postura professoral lendo para e/ou pelo educando, ele passar a ler com, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro."
(MARTINS, 1994, pág. 33)

Muitos educadores falam da necessidade de se construir no aluno o hábito de ler, pois este hábito se transformaria na ponte para o seu progresso na educação, proporcionando a formação plena do indivíduo. Alguns professores pensam também que a ausência de leitura prejudica a escrita, gerando no aluno dificuldades futuras.

Entretanto o trabalho com a leitura na escola tem sido mecânico, e como já dissemos anteriormente, restrito à decodificação. Para superar tal quadro seria necessário investigar quais os fatores determinantes dessa situação.

Outra questão que nos chama a atenção é o fato de que geralmente a leitura fica limitada somente à escola, pois é nela que a maioria aprende a ler e a escrever. Muitos alunos têm muitas vezes, na escola a única oportunidade de ter contato com o livro didático que na maioria das vezes é o único livro que ele irá ter.

"Estes textos dirigíveis dão a ilusão de tornar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais diferentes disciplinas, na verdade resultam de manuais da ignorância; mais inibem que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica (...) repleto de falsas

verdades a serviço de ideologias autoritárias ...

(MARTINS, pág. 25 e 26)

O livro didático, de modo geral, restringe a leitura impossibilitando, por si só, uma leitura mais profunda ou o que Paulo Freire chama de "leitura do mundo". Ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na cultura em particular.

Segundo a autora, as inúmeras concepções vigentes de leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas:

- 1- "Como decodificação mecânica e signos lingüísticos, por meio do aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta.
- 2- Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitiva-sociológica" (op. cit. pág. 31)

Para a autora essas concepções não são excludentes. Ambas são necessárias a leitura.

"Decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar é impossível" (Op. cit. pág. 32) Ainda segundo este autor, se nos perguntarmos o que é, qual o significado da leitura, cada um terá uma resposta diferente porque cada um a faz do seu lugar, cada um vive uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo, nem os sinais ou espaços ocupados por eles.

O contexto onde o leitor vive, as pessoas com que convive tem uma forte influência em seu desempenho na leitura. Para se dar sentido a um texto é preciso, portanto, levar em conta a situação do texto e de seu leitor. O leitor, ao ter contato com o texto amplia seu conhecimento não ficando restrito ao que está escrito. Os conceitos e significados não vão interferir em sua leitura. Desse modo :

"A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido - seja sonoro, escrito, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento."

(MARTINS, pág. 33)

"Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados." (op. cit. pág. 35)

A função do educador não seria a de ensinar a ler, e sim, criar condições para o educando realizar sua aprendizagem, conforme seus interesses e necessidades, segundo suas dúvidas e levando em conta as exigências que seu dia a dia apresenta.

Segundo a autora, para se entender a leitura é necessário perceber que a mesma acontece em três níveis básicos que são o sensorial, o emocional e o racional. Cada um destes níveis correspondem a um modo de aproximação ao objeto lido.

Quando olhamos algum objeto e refletimos sobre ele pensamos qual a importância desse objeto, quais as intenções de sua criação, sua finalidade e etc.

Ao fazer isto *"estamos, realizando leituras, dando sentido às coisas, às pessoas ligadas a elas (...) estou lendo com meus sentidos, minhas emoções e meu intelecto."* (MARTINS, pág. 38)

Não nos é possível realizar a leitura em apenas um destes níveis. Ao fazermos uma leitura sensorial, embora empregemos os sentidos, ela nos faz ficar alegres, deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças, então deixamos de ler apenas com sentidos para entrar no nível de leitura emocional. Na leitura racional a construção da

capacidade de reproduzir e compreender as mais diversas linguagens está ligada as condições propícias para ler, dar sentido ou atribuir significado às expressões formais e simbólicas. Por outro lado estes níveis não são estáticos, variam com a historicidade do sujeito leitor.

"Assim como há tantas leituras quanto são os leitores, há também uma nova leitura a cada aproximação do leitor com um mesmo texto, ainda quando mínimas as suas variações." (Op. cit. pág. 79)

Remetendo-nos a questão do gosto pela leitura, percebemos que existe uma preocupação por parte dos professores quando se perguntam por quê seus alunos não gostam de ler. Porém é preciso pensar no cotidiano da vida atual. Dada a luta frenética pela sobrevivência, a leitura tem cada vez um lugar menor na vida moderna.

Além desta questão da modernidade outros fatores contribuem para este quadro: o ambiente de letramento, o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola que não estimula o leitor a formação precária de um grande número de profissionais da escrita a ler e gostar da leitura.

"Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura (...) a leitura se baseia no desejo e no prazer." (KLEIMAM, pág. 15)

Quando os professores apenas exigem a decodificação, isto em nada modificará a visão de mundo de seu aluno. Ou então quando o professor toma uma atitude de descaso em relação a voz do leitor - aluno. Outro tipo de prática que inibe o leitor é quando é cobrado dele resumos, relatórios e preenchimento de fichas.

"A leitura que é medida mediante número e

páginas é também uma forma de avaliação que justifica o passar dos olhos pelo número de páginas exigidas sem engajamentos cognitivos ou afetivos. O aluno lê sem objetivos, lê apenas porque o professor mandou e será cobrado, desvirtuando efetivamente o caráter da leitura." (idem, ibidem, pág. 23)

Em uma aula de leitura o professor é o mediador entre o aluno e o autor, essa mediação pode propiciar a leitura de mundo dependendo da postura do professor.

Para Orlandi, a *"leitura é uma questão lingüística pedagógica, e social ao mesmo tempo."*(ORLANDI, pág. 36)

A separação destas seria enganadora pois os domínios do conhecimento estão integrados. A divisão de disciplinas é uma forma de recorte estabelecido pelo discurso científico. Assim sendo, a leitura deve ter na escola uma importante função no trabalho intelectual geral. (Op. cit. pág. 36)

Alguns educadores preocupados com a urgência de resultados escolares deixam de lado alguns aspectos fundamentais que atestam a história das relações com o conhecimento da nossa sociedade.

A autora denomina este fenômeno, como pedagogismo. Este pedagogismo consiste em acreditar em soluções pedagógicas desvinculada do seu caráter sócio-histórico. (op. cit. pág. 35)

Para não se submeter a esse reducionismo, devemos procurar uma forma de leitura que permita ao aluno trabalhar sua própria história de leitura, assim como as histórias das leituras dos textos e a história da sua relação com a escola e o conhecimento legítimo.

"A relação do aluno com o universo simbólico não

se dá apenas por uma via, a verbal, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo." (op. cit. pág. 31)

Certamente a compreensão de um texto não exclui as variações de linguagem que constitui o universo simbólico, ou seja, o aluno traz para sua leitura a sua experiência discursiva na qual ele convive, com todas as formas de linguagem.

Para a autora, seria interessante que as diferentes formas de linguagem que constitui o universo simbólico desse aluno, fosse o ponto de partida para a fonte de hipótese, para estimular e fazer avançar o processo do aprendiz.

Neste processo o aluno criará e recriará o mundo a partir de sua ótica, de suas construções. Isto porque:

"a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente."

(FREIRE, 1982, pág. 20)

Podemos dizer então que o trabalho do professor deveria partir do universo vocabular dos alunos, expressando a sua real linguagem e não da experiência do educador.

"Na escola, a colocação das leituras previstas por um texto escamoteiam, em geral, o fato de que se dá uma leitura prevista para ele, como se o texto por si, a suscitasse inteiramente." (ORLANDI, pág. 44)

Dessa forma a instituição está excluindo qualquer relação do texto e do leitor com o

contexto histórico-social, cultural e ideológico. Seria interessante os professores proporem-se a fazer com que o aluno, sinta vontade de trabalhar com a sua própria história de leitura e não com uma leitura determinante. Isto levará o aluno a "*uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo*" (FREIRE, pág. 11, 1982).

CONCEPÇÃO DE LEITURA

A atividade de leitura está presente em todos os níveis educacionais. Essa presença marcante e abrangente, inicia-se na alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado de códigos registrados através da escrita. Depois dessa iniciação o aluno continua a se encontrar com livros-texto ao longo de todo seu período escolar.

A própria escola, principal responsável pelo ensino, concebe o livro como um instrumento básico, às funções pedagógicas exercidas pelo professor. É difícil se pensar em uma escola ou em áreas de ensino onde o ato de ler não esteja presente, porque o patrimônio histórico cultural e científico é encontrado em diferentes tipos de livros.

Quando se fala de educação institucionalizada lembra-se de aquisição de experiências. A mensagem escrita é uma das fontes que mostram a ação exercida pelo professor.

"O fenômeno da educação ocorre no interior do fenômeno da existência humana, pois a educação somente se concretiza no homem, através dos objetos de sua percepção, mostra um horizonte externo."

(SILVA, 2000, pág. 76)

Todo professor, ao adotar um livro ou mesmo ao produzir ou selecionar seus textos, acaba necessariamente se transformando num co-responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura. A leitura é exigência que está presente nas disciplinas oferecidas pela escola e, por isso, os professores são orientadores de leitura. É importante ressaltar que nos textos de literatura, ciências, matemática, exigem abordagens diferentes de leituras para se chegar ao seu significado. Porém, a orientação da leitura, a formação do aluno leitor é deixada somente aos₁₆

alfabetizadores e aos professores de Comunicação e Expressão. Assim, se os alunos não aprendem a ler e se existe uma crise da leitura na escola, a culpa não é do corpo docente, mas somente dos professores de Português. No entanto, segundo Kleiman

“A palavra escrita é patrimônio da cultura letrada, e todo professor é, em princípio, representante dessa cultura.” (KLEIMAN, 1998, pág. 7)

O material escrito é necessário para uma experiência dentro da sala de aula. Experiência seria o conhecimento adquirido pelos alunos nas suas relações com o meio social. Através das vivências, verifica-se que a leitura também deve ser vista como uma fonte importante de conhecimento. Se a experiência cultural for tomada como um comprometimento do indivíduo com a sua existência, verifica-se a importância que a leitura exerce na vida do indivíduo, pois é através da leitura que este indivíduo tem contato e convive com a cultura.

No sistema capitalista, de uma atividade importa seu produto. A fruição, o prazer, estão excluídos. A escola reproduzindo o sistema e preparando para ele, exclui qualquer atividade “não-rendosa”: lê-se um romance para preencher uma ficha de leitura, para fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre de recuperação. No interior desta mesma ideologia está a da atividade produtiva, a questão sempre levantada por professores, bem intencionados relativa a avaliação de uma atividade: *Se não exijo nada como resultado dessa leitura, como vou saber se o aluno leu?*”(GERALDI, 1999, pág. 97)

Na minha prática, percebo que enquanto professores deveríamos propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto, esteja aquém daquela que almejaríamos. Partindo dessa concepção, fui a campo fazer uma pesquisa sobre o assunto.

Para tanto decidi-me a observar duas salas de aula do CBA (Ciclo Básico de Aprendizagem) da 2ª série do período Vespertino, em uma escola pública localizada no centro da cidade. A professora “A” atua na área a cinco anos tendo ela Licenciatura Plena em Letras. A professora “B” está atuando na área a quatro anos, sendo formada no magistério de Nível Médio. Ambas trabalham como interinas, tendo as mesmas já trabalhado em escola particulares.

Diante deste trabalho percebi que as duas professoras procuram trabalhar a leitura de forma agradável, sem ser uma leitura imposta e sim uma leitura por prazer, mas existem algumas diferenças em suas metodologias e até mesmo suas opiniões sobre o assunto. Diante desse pressuposto e para maior clareza na análise, dividirei este trabalho em capítulos.

No primeiro capítulo, faço uma análise de algumas das principais bibliografias, discorro acerca do pensamento de alguns importantes autores brasileiros sobre leitura.

No segundo capítulo juntei as duas questões onde discutiremos as concepções de leitura de cada professor, e como a mesma está sendo trabalhada.

No terceiro capítulo discorrerei sobre a oportunidade dos alunos usarem seu próprio raciocínio, e a importância da leitura no dia-a-dia deles.

No quarto capítulo juntarei as discussões dos professores sobre o professor que não é leitor, se os mesmo tem condições de formar leitores.

No quinto capítulo abordarei quais os aspectos importantes na avaliação da capacidade de leitura do aluno na opinião da cada professor.

No sexto e último capítulo, discutirei sobre as várias concepções dos professores em relação à leitura de mundo e como deve ser avaliado este tipo de leitura feita pelos alunos.

CONCEITO E PRÁTICA DE LEITURA PARA OS PROFESSORES

Sabemos que a leitura em nosso país tem sido trabalhada de modo mecânico sem preocupação com a formação de um leitor crítico. Diante desta preocupação, buscarei saber de alguns professores quais são as suas concepções de leitura, e também como a mesma está sendo trabalhada na sala de aula. Para este trabalho estarei me apoiando em alguns autores como: Paulo Freire, Angela Kleiman, Eni Orlandi, Ezequiel Theodoro e outros.

Ao entrevistar as duas professoras, pude perceber que tanto a professora “A” quanto a professora “B”, compreendem a leitura não apenas como decodificar sinais, mas ler o que está escrito nas estrelinhas, portanto percebemos que elas parecem seguir a linha teórica proposta pelos PCNs. Segundo os PCNs:

“A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto”. (PCN, 1997, pág. 53)

A professora “A” ao ser indagada sobre como concebe a leitura, afirma que o aluno leitor deve ler o que está nas entrelinhas, e cita um exemplo:

“Leitura para mim é lermos além daquilo que está escrito, ler o que está entrelinhas; por exemplo, às vezes nós olhamos para uma pessoa e notamos através de suas atitudes se ela está bem ou não.”
(PROFESSORA A)

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

11/18/88

No decorrer das aulas, durante a observação a professora desenvolve atividades que parecem confirmar seu depoimento. Ela trabalhou o tema “O Que é Leitura” da seguinte forma, saía da sala de aula e ao voltar se apresentava aos alunos. Em cada apresentação ela fazia a personagem de determinada matéria, com posturas diferentes, contando sua história de vida. Por esse trabalho a professora avança ao conceito tradicional de leitura que é o de decodificação de sinais, porém limita-se ao conceito de leitura enquanto forma de compreender o outro.

Observando o PCN de Língua Portuguesa percebemos que o mesmo deixa claro que o leitor é quem cria a significação do texto, usando o próprio texto, seus conhecimentos, experiências e sua intenção de leitura.

O depoimento da professora “B”, na primeira metade se identifica com o depoimento da professora “A”, mas a parte final está confusa, parece que ela identifica a leitura como comunicação, ou seja, ela vê a leitura como forma de comunicação.

Leitura não é apenas você passar os olhos, mas ler atrás, nas entrelinhas, entender a comunicação que podemos obter através de uma conclusão”.

(PROFESSORA B)

Segundo Freire (2000) “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo”. (Pág08) Isto significa que a gente começa a ler muito antes de ir para a escola, quando o indivíduo começa a compreender o mundo. Na escola ampliamos a leitura porque podemos ter contato com outras leituras. É importante ressaltar ainda que nesta tematização, a leitura não é vista como evento momentâneo, fragmentado, desligado do ser humano situado; pelo contrário, leitura é entendida como o caminho seguido pelo leitor em seu projeto de descoberta e atribuições de significados. A mensagem a ser lida é sempre palpavelmente encontrada no mundo, isto é,

na cotidianidade da vida do leitor.

A professora "B" quando abre para as opiniões dos alunos, permite que cada um faça sua leitura de determinadas passagens da Bíblia ou de determinados fatos, ela está permitindo que diferentes leituras aflorem. Portanto sua concepção de leitura está mais próxima da concepção de leitura de Paulo Freire do que a concepção de leitura da professora "A", que fica restrito a interpretação, à percepção de diferenças.

As professoras em seus depoimentos, parecem trabalhar de acordo com o conceito de leitura de Paulo Freire e Eni Orlandi, mas na sua prática cotidiana, caem em algumas contradições. A professora "A" diz respeitar a historicidade do aluno.

"Eu trabalho de maneira que eu possa respeitar a vontade do meu aluno, a liberdade dele, dele conversar, dele perguntar, dele expressar mais seu ponto de vista." (PROFESSORA, "A")

Ao meu ver os alunos possuem suas características próprias que interferirão no seu processo de leitura. O aluno poderá ultrapassar os sentidos iniciais ou fazer inferências e a partir daí, criar novos textos. Pela observação, pudemos contatar que a professora "A" deixa os alunos bem à vontade. Porém limita-se a respeitar as opiniões dos alunos, não o incentiva.

Já a professora "B" incentiva os alunos à leitura, além de aproveitar os momentos nos quais os alunos manifestam curiosidade para saber de algo, então a professora usa de recursos metodológicos disponíveis levando em consideração que a escola dispõe de vários materiais didáticos.

"Não perco a oportunidade, se o aluno fala algo, desperto levo até a lousa e começo a leitura,

sempre procurando envolver o aluno a ler literaturas infantis, jornais, gibis, de repente você tem que descobrir o que ele mais gosta e o atrai.”

(PROFESSORA B)

A professora não se limita a explorar através da leitura, apenas o material impresso partindo de uma temática posta na sala de aula, ela aproveita também questões que emergem no cotidiano da escola e da sala de aula, como por exemplo, o caso do dia em que o aluno relatou o acidente ocorrido com o cachorro quando vinha para a escola. A professora usou a prática interdisciplinar, ela buscou o trânsito que é de Geografia, buscou a questão de valores que é de formação para a Ética, buscou a saúde, que é Ciências, e foi para a Língua Portuguesa, enfim, ela transitou pôr todas as áreas e tudo isso faz parte da formação do leitor. Portanto ler e leitura, não é coisa só do professor de Português, e nem só da área de Língua Portuguesa, é de todas as áreas e envolve todo mundo.

Segundo os PCNs, é preciso oferecer aos alunos, inúmeras oportunidades de aprender a ler. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto, do prévio conhecimento que possuem tanto a escrita propriamente dita, quanto ao significado. É a isto que se refere SILVA (2000) quando diz que é preciso “*aprender lendo*”(pág. 18). A prática de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetos, modalidades e textos que caracterizam a prática de leitura. Isso mostra como a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades. Segundo Spiegelberg Apud Silva (2000)

“Toda e qualquer leitura sempre envolve algo lido, ou melhor ,não há o que ler a menos que algo seja lido. Como Um ato da consciência, o ato de ler

implica num objeto e refere-se a um conteúdo". (pág.

85)

O CAMINHO DA LEITURA

Outra preocupação deste trabalho era saber como se dá a prática de leitura na sala de aula. Para tanto procuramos observar como os professores propõem as leituras para seus alunos e que condições de leitura ela dá para os mesmos. A professora “A” afirma que dá oportunidade para seus alunos fazerem suas descobertas e cita alguns exemplos .

“Eu apresento, por exemplo, as minhas figuras para eles e peço que observem as mesmas, e logo após façam uma leitura oral, pergunto : O que você está vendo nesta figura? A partir daí cada um tem uma leitura (...) então eu trabalho assim deixando com que eles mesmos notem que cada um tem leituras diferentes no mesmo contexto”.(PROFESSORA A)

Neste trecho dá para perceber que este trabalho segue a linha de (SILVA) quando ele diz:

“Sempre que um objeto é visto, seja este objeto um texto ou uma idéia, no momento em que ele é visto, intencionado e percebido, pode estar sujeito a algumas mudanças”. ... (SILVA, 2000, pág. 27)

Estas mudanças ocorrem nos diferentes sujeitos, que lêem. Cada um que lê, vai ler com seu sentido, a partir do seu universo de vocabulário, do seu universo cultural, a partir da compreensão de mundo que ele tem na casa dele. A leitura que ele faz é uma complementação do seu mundo, da sua vida, ele lê a partir daí, ninguém lê a partir do nada.

Freire (2000) afirma que aprender a ler, e escrever, a alfabetizar-se é , antes de mais

nada aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Relacionado a esta mesma concepção acredito que o professor, na sala de aula, é um mediador entre o escritor-autor e o leitor-aluno, devendo em sua prática, utilizar todos os tipos de comunicação verbal e não-verbal para a construção de hábitos de ler e escrever dos alunos, pois a escola é apenas mais um, embora o mais importante dos textos, onde a leitura e a escrita podem ser aprendidas e desenvolvidas, uma vez que ler e escrever estão intimamente relacionados ao processo de socialização do aluno.

Na opinião da professora “B” após a leitura de um livro ou um texto “temos” que concluir, ela quer dizer, sistematizar o conhecimento discutido durante a aula, que é diferente de simplesmente tirar uma conclusão final, portanto ela usa indevidamente a palavra “concluir”, porque o concluir significa fechar.

“Depois de ler um livro ou trecho temos que concluir, olha aqui fala assim, mas nem se fosse ao contrário como poderia ser, se você mudar esta palavra aqui, o que você achou, dá certo ou não? O aluno vai desenvolver seu raciocínio e no mesmo tempo vem as descobertas naturalmente.

(PROFESSORA B)

É importante que o professor participe do raciocínio do aluno através de perguntas, para que o mesmo faça suas descobertas, de modo que este não fique restrito a opinião da professora ou com sua própria. Segundo o PCN de Língua Portuguesa esta concepção encaixa-se como leitura colaborativa, onde o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura questiona os

alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. O mesmo diz que é uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores uma vez que alunos envolvidos na atividade podem explicitar para seus parceiros os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto.

“(...) é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.

A possibilidade de interrogar o texto, diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir.” (PCN, 1997, págs. 56 e 61)

Quanto a importância da leitura podemos observar que tanto para SILVA (2000) como para KLEIMAN (1998) a leitura é uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita. O contato com os produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de

leitores. No entanto podemos verificar que o descaso na área de investigação sobre o ato de ler do aluno-leitor brasileiro, corporifica-se ainda mais até mesmo na idéia de diferença, quando se analisa o preparo de professor naqueles aspectos que se referem ao ensino da leitura.

O problema de despreparo do professor propõe-se como um paradoxo. São raras as faculdades ou universidades brasileiras que oferecem cursos na área de metodologia da leitura. Os cursos que são ministrados parecem se resumir aos diferentes métodos de alfabetização em que são treinados os futuros professores das primeiras séries do 1º grau.

Mesmo com este descaso pelos profissionais da área, podemos observar que os professores entrevistados procuram trabalhar a realidade do aluno, mesmo que estes tenham visões diferentes de como passar esta idéia para os mesmos, tendo em vista que a leitura é um dos caminhos pelos quais o ser humano compreende a sociedade.

A professora "A" trabalha com a leitura vinculada à realidade do "mundo" as questões de violência onde segundo ela não existe amor ao próximo nem amor a Deus. Podemos observar que uma das maneiras pelas quais a professora trabalha a leitura é a partir dos seus princípios de religiosidade:

"A partir do momento em que nós trabalhamos a questão da realidade em que nós estamos vivendo hoje, no nosso mundo, por exemplo, um mundo violento, onde as pessoas não respeitam, não amam seu próximo nem ao menos sabem que é Deus, então a partir disso posso mostrar para eles que se eles tivessem uma leitura de muitas histórias eles iriam saber como agir diante de cada situação dessa no

momento certo, na vida deles". (PROFESSORA A)

Ao mesmo tempo em que dá destaque a religiosidade, ela procura fazer com que seus alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres.

Já a professora "B" não procura saber diretamente qual a importância da leitura para os alunos mas sim, procura trabalhar no sentido de contemplar diferentes aspectos da leitura. Ela começa por despertar a curiosidade dos alunos fazendo-lhes perguntas inerentes a jornais .

Você leu o jornal de hoje, que coisa interessante, comente sobre o assunto com firmeza, levando para a realidade dos alunos a frisar, olha, amanhã será a conclusão do assunto no jornal, com certeza ele vai ler somente por curiosidade, você incentivou que a leitura é importante para que eles possam sempre estar informados do que passa em nossa sociedade".

(PROFESSORA B)

No entanto Kleiman afirma que em primeiro lugar, o texto jornalístico deve ser aceito como fonte de informações pertinentes e de novidades, preenchendo funções que nas culturas não letradas, são preenchidas, primordialmente pelos membros da família e pela comunidade. Na maioria das vezes os jornais trazem notícias que interessam nossos familiares como assassinato, roubos, seqüestro, corrupção, etc. Será que assuntos como estes servem de incentivo para despertar em nossas crianças a importância da leitura em seu dia-a-dia? Esta é sem dúvida uma fonte importante mas não deve ser a única.

Para que uma leitura seja importante é necessário que hajam condições favoráveis a fim

de que ela seja significativa, isto é, tenha sentido e importância para o aluno. A busca de significado é uma das marcas mais importantes do processo de leitura. Sabemos que a escrita e a leitura estão intimamente ligados.

Os prazeres de escrever, corresponde exatamente aos prazeres da leitura; a sorte, a felicidade de uma frase é compartilhada por escritor e leitor; pelo escritor satisfeito e pelo leitor agradecido o que vem a ser o mesmo, pelo artista agradecido a força desconhecida do seu espírito que lhe sugeriu determinada combinação de imagem e pelo leitor artístico a quem essa combinação satisfaz”.

(VLADIMIR, pág. 43)

No que tange a importância da leitura e retomando a notícia do jornal, cabe-nos indagar a respeito da leitura se esta satisfaz a todos os alunos. Sabemos que um texto informativo muitas vezes pode apresentar problemas de linguagem. Além do mais, nem sempre os assuntos discutidos são adequadas para as crianças em idade escolar, como estes a que fazemos referência. A análise do texto a ser lido é que vai definir quanto ele se desviou das características mais desejáveis desse tipo de comunicação e o quanto está comprometida a clareza, a precisão, o entendimento.

Não quero subestimar a inteligibilidade dos alunos, mas cabem aqui algumas críticas como: o professor não usou da análise para definir o quanto o texto pedido desviou-se das características, não foi observada a clareza e nem estava preocupada com a precisão. Como então pode estar preocupada com o entendimento do mesmo? É através do entendimento que se

desperta o incentivo pela leitura . É dado que lemos muitos textos informativos com “erros”, às vezes muito graves de português o que , definitivamente, não é adequado. Mas nesses casos o autor do texto não tem consciência das falhas, ele pensa que escreveu adequadamente, ele não quis romper qualquer estrutura ou convenção da língua e tirar disso efeitos especiais. Às vezes o autor, simplesmente desconhece a forma mais adequada, ou teve um deslize. O que o professor deveria trabalhar são essas “falhas” dado que o incentivo já deve Ter sido trabalhado.

Em se tratando de “falhas”, observei também o trabalho da bibliotecária e pude observar que a sua função não é outra senão catalogar livros. Este profissional deveria saber um pouco mais das leituras das obras existentes no seu estabelecimento de trabalho, porque é perigoso oferecer algo desconhecido ao aluno para que este leia.

Ao afirmar isto apoio-me nas idéias de SILVA, de que os bibliotecários deveriam oferecer estudos como incentivo à leitura. Caso isso não aconteça vem a confirmação de que pouco se tem feito para o desenvolvimento real da leitura, ficando assim os profissionais um tanto quanto alienados. Referindo-se aos bibliotecários o autor citado afirma que:

“Geralmente este profissional é um exímio conhecedor dos labirintos da catalogação das leis que regem a instalação de bibliotecas em nossas cidades, das normas e fichas de empréstimo, mas de leitura mesmo, salvo exceções, parece entender muito pouco. Os serviços bibliotecários não podem ser reduzidos a “tombar”, tirar e por livros na prateleira e nem a simplesmente controlar a data de entrega dos livros emprestados; as funções dos

bibliotecários não deve transformar-se em automatismos rotineiros e inconseqüentes. O bibliotecário escolar deve ter como função, além de outras, preparar programas de incentivo a leitura, juntamente com os professores, orientadores e supervisores.”(SILVA, 2000, pág. 11 e 12)

Perguntei a bibliotecária se os professores têm o hábito de tomar livros emprestados.

Segundo ela :

“As professoras, (...) para dar para os alunos, quando eles levam é de pesquisa, agora também para levar para a sala usam livros de historinhas para as crianças.” (A BIBLIOTECÁRIA)

E quando foi perguntado se os professores pegam livros para levar para casa, ela respondeu que *“difícilmente acontece, mas, é sempre mais em sala de aula”*. Observei insegurança em seu depoimento, dado que ela fala do livro de pesquisa e fala de livros para as crianças, mostrando não ter conhecimento aprofundado de seu ofício. Refere-se apenas às atividades dos professores e dos alunos e não faz referência a sua própria tarefa enquanto bibliotecária.

Em se tratando de formação de leitores, ao meu ver, deve acontecer o desenvolvimento dentro de um processo de interação construtiva entre seus participantes-professores e alunos, através de atividades desafiadoras. Segundo Vygotsky, o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Este deve ser olhado para além do momento atual, para aquilo que deve acontecer e que é importante que aconteça. Assim, se a criança já domina determinadas leituras,

já as realiza sozinha, não precisa mais de ajuda para elas. Cabe ao professor então provocar desafios que impulsionem avanços no percurso do desenvolvimento do aluno, já em estado latente, mas que não ocorreriam espontaneamente sem essa interferência.

Sabemos que o gosto pela leitura pode ser despertado e para que isso aconteça o professor deve ser um malabarista.

“A situação da leitura no Brasil é bastante contraditória: convivem, lado a lado, a preparação “carente” do professor, de leitura e as recomendações irrealistas das autoridades educacionais.” (SILVA, 2000, pág. 36)

Diante dessa situação constatamos que ainda existem algumas instituições, e este foi em parte o nosso caso, onde os professores confundem a leitura como decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes.

PROFESSOR NÃO LEITOR, FORMA ALUNO LEITOR?

Incomodados pela constante queixa por parte dos professores de que não gostam de ler, procuramos saber deles se eles acham que se pode formar um bom leitor sem ter o hábito de ler. Em sua concepção, a professora afirma que quem não é leitor, um dia vai passar por determinada situação e perceber o erro cometido, então ele vai ter que buscar sua leitura junto com os alunos mostrando a importância da mesma.

“Eu acho que o professor que não é leitor tem condições de formar um bom leitor, um dia ele vai perceber que está em erro, se ele está em erro, ele vai ter que sair deste, para ele sair deste, ele vai ter que ser exemplo para seus alunos, porque caso contrário como que ele vai dizer aos alunos que a leitura é importante sendo que ele mesmo não lê, e aí como que ele pode fazer isso? Ele pode fazer isso lendo junto com seus próprios alunos, se interessando pela leitura.”(PROFESSORA A)

A professora “B” discorda desta concepção, mas sua resposta fica confusa quando diz que: *“Com certeza não, se ele não tem o hábito de ler, como vai transmitir conhecimento para alguém”.* (PROFESSORA B)

Quando falamos em formação de leitor, não estamos falando estritamente em transmitir conhecimentos para alguém. Segundo Soares, a “escola” deve ser uma extensão da sociedade na qual os alunos estão inseridos. O modo como a leitura e a escrita são ensinadas na escola deve₃₃

estar relacionado com os conhecimentos prévios que os alunos têm do que seja ler e escrever em outros contextos ou situações, assim a leitura e a escrita seriam um conjunto de habilidades ou tecnologias, diferentes, mas complementares.

Por sua vez, a leitura é entendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor. Segundo Silva (2000), o aluno-leitor não é passivo, mas o agente que busca significações. E nesse processo de leitura, de interlocução do aluno-leitor, com texto-autor, a posição do professor não é a do mediador do processo que dá ao aluno sua leitura do texto. Tampouco, é a da testemunha que, alheia ao processo, apenas o vê realizar-se e dele pode dar testemunho. Se, em alguns momentos o professor passa a testemunhar, isso se deve ao fato de que, como sujeito, já se colocou como interlocutor de seus alunos, possibilitando as condições materiais para que o processo se desencadeasse. Concluímos então que o professor, no processo da leitura de seu aluno, deve ser interlocutor presente que responde pergunta, questões levantadas pelo processo que executa.

COMO AVALIAR A LEITURA

Um outro ponto que é bastante discutido entre professores é como avaliar a capacidade de leitura dos alunos. Para Kleiman, (1998) o aluno que lê vagarosamente, sílaba por sílaba terá dificuldades para lembrar o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim. *“Ele deve, portanto, ser capaz de reconhecer instantaneamente as palavras.”* (pág. 31) Para tal, o leitor deverá estar em estado de “alerta perceptual”, pronta para detectar uma série de palavras cuja ocorrência no texto é previsível pelo assunto. Dados de pesquisa mostram que a leitura de uma palavra que não está escrita, isto é, o que é considerado erro na leitura em voz alta, não reflete necessariamente um problema de compreensão. Quando a palavra que o aluno substitui pela palavra do texto faz sentido, esse “erro” é sinal de o aluno estar prestando atenção ao significado do texto e não apenas à forma, justamente o objetivo do ensino de leitura para o qual o ensino da forma, do código, é apenas instrumento.

Segundo o PCN de Língua Portuguesa, o aluno ao realizar uma leitura, não deve se limitar a decodificação, que utilize coordenadamente procedimentos necessários para a compreensão do texto. Assim, se ele antecipou ou inferiu uma informação, é necessário que busque no texto, pela decodificação, por exemplo, pistas que confirmem ou não a antecipação ou a inferência realizada e que ele seja capaz de ajustar sua leitura à diferentes objetivos utilizando os procedimentos adequados a cada situação.

Dentro desta visão a professora “A” trabalha com seus alunos de uma forma mais abrangente, onde incentiva o aluno, dizendo que está bom, mas é possível melhorar. Que é importante que através da leitura ele possa passar seus conhecimentos para seus amigos de uma forma legal, e que todos entendam.

“Eu avalio a questão seguinte, porque eu trabalho com os meus alunos de acordo com o que eles fazem, então eu procuro nunca estar apontando seus erros, mas sim que ele pode melhorar, que a questão dele ler muito rápido não é o suficiente, que a questão dele ler devagar demasiadamente também não é legal, mas, principalmente que ele leia, entenda, compreenda e possa ter uma boa interpretação daquilo que ele leu, e que ele seja capaz também de passar o que ele entendeu aos seus coleguinhas e de “comunicar” aquilo que ele leu.” (PROFESSORA A)

Quando usamos a palavra “comunicação” temos que ter muito cuidado. Muitas vezes este termo sofre uma restrição profunda pelo senso comum da população, sendo tomada apenas como falar e escrever (expressão de mensagens). Deve-se verificar, porém, que a comunicação envolve também ouvir e ler (recepção de mensagens); sem o interlocutor ou leitor não há possibilidade de comunicação.

“Fala-se e escreve-se para alguém. Ao aprender a ler ou ao ler para aprender, portanto o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas registradas através da escrita.” (LISBOA, 1987, pág. 41 e 42)

A professora “B” considera que o aluno seja capaz de ler claramente e ter facilidade de

interpretar e não depender de outros. Percebemos que ela se contradiz quando anteriormente afirma que temos que concluir o texto e participar da interpretação do mesmo.

“Ter uma boa leitura, clara, facilidade de interpretar, sempre caminhar só, nunca ficar na sombra do outro”. (PROFESSOR, B)

Para alguns autores como Geraldi, Possenti, Lopes e outros, a “Avaliação”, da leitura incidindo sobre o aspecto quantitativo, poderá ser feita em simples caderno de anotações do professor que, a cada página, anotará o nome do aluno e a obra que estiver lendo. A cada troca que o aluno realizar com um colega, o professor simplesmente anotará o novo livro escolhido, sem exigir nenhum trabalho escrito (nem mesmo oral) dos alunos. Para que este trabalho aconteça é preciso que exista na escola uma biblioteca onde o professor poderá usar os livros existentes, combinando com o responsável pela biblioteca que as obras selecionadas serão utilizadas por tais classes, e tais alunos. É importante que a biblioteca possibilite ao aluno a retirada de livros, pois ele iniciará a leitura em aula, mas o enredo o levará a querer saber o fim da história. Certamente ele lerá fora da aula, independentemente de solicitação do professor.

Segundo a bibliotecária, os alunos não levam o livro para casa. Isso compromete a continuação de um trabalho com a leitura.

“Eles usam dentro da sala de aula, ou após aula mas aqui mesmo, na escola”
(BIBLIOTECÁRIA)

Em se tratando de leitura extra classe o ideal é que o aluno leia o que mais lhe agradar. Geralmente a leitura de pequenos textos para as crianças representa atividade de lazer e funciona como elemento motivador para a leitura. Assim sempre que o professor tiver oportunidade de encontrar um texto que, por um aspecto ou outro, interesse à criança, deve trazê-lo para a sala de aula. Partindo do exemplo do professor a criança passará a trazer para a escola textos

interessantes para serem lidos. Percebemos através da experiência que, constituído o hábito, os alunos cobram essa atividade, e se cobram é porque gostam. Digo isso embasado em minha própria experiência, como atuante na área.

É muito comum o professor acomodar-se com os textos que aparecem no livro didático esquecendo-se que estes perdem o sabor da novidade, pois sabemos que as crianças os lêem em casa antes de serem trabalhados pelo professor. Para Geraldi:

“Aprende a ler não o aluno que lê o livro que nós professores, lemos. A liberdade com que o aluno tem abordado os livros que lê decorre do não privilégio a um único sentido do texto, mas aqueles sentidos que a experiência de mundo, de cada leitor, atribui ao livro que lê na produção de sua leitura.”

(GERALDI, 1999, pág. 112)

A ESCOLA E A LEITURA DE MUNDO

Podemos iniciar dizendo que ler e escrever são processos interdependentes, construídos a partir da história social lingüística e cultural do leitor e do escritor, achamos que deve ser levado em conta que ler e escrever se interagem para obter uma significação do que é escrito e do que é lido, e para tanto é importante considerar que a leitura de mundo do aluno é muito importante, segundo a professora "A".

"Eu considero que nós devemos considerar a leitura de mundo, porque aquilo que o professor ensina na maioria das vezes é voltado para os livros didáticos, e os livros didáticos eles são livros que diretamente ou indiretamente, eles apresentam coisas irreais, eles deixam de mostrar para o aluno."

(PROFESSORA A)

O leitor é quem cria a significação do texto usando o próprio texto, seus conhecimentos, experiências e sua intenção de leitura, pois o mesmo possui características próprias que interferirão no processo de leitura.

"O livro didático é extremamente útil ao professor como referência e como elemento de apoio. Numa sociedade como a nossa, com um sistema de ensino tão deficitário, em que o professor, na maioria das escolas, deve sozinho preparar seu material, o livro

didático é essencial porque ajuda a resolver parte de seu trabalho, mas pode e deve ser questionado."

(SORDI, 1991, pág. 89)

Sabemos que o aluno trás para a vida escolar uma língua que domina, usa e aprendeu na sua vida familiar. É na vida escolar, que vai aprender a língua padrão como mais uma possibilidade comunicativa e vai usar quando necessário.

Já a professor "B", faz questão de enfatizar o respeito a historicidade do aluno.

"O aluno ao chegar em uma instituição escolar, vem com uma grande bagagem. O professor deve acolher todas e a partir disso trabalhar qualquer conteúdo, o desenvolvimento vai ser bem mais próspero porque é o fruto do seu meio."

(PROFESSRA B)

A leitura, na visão da escola libertadora, deve promover o diálogo entre aluno e o texto de modo a atribuir-lhe sentido e o professor deve ser o mediador e também aprendiz.

"A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua." (PCNs, 1997, pág. 53)

Observamos que tanto a professora "A" quanto a professora "B" se preocupam com a historicidade do aluno. Sabemos que o leitor competente está sempre em formação ou aperfeiçoamento, assim, os livros que sustentam ou apoiam a prática do professor precisam

apresentar atividades que permitam a continuidade da formação do leitores competente, críticos, reflexivos e criativos, sendo capazes de compreender e interpretar; de descobrir o plano de construção do texto.

Na medida em que o aluno se envolve num processo próprio de construção de conhecimento ele colocará em atitudes seus recursos e estilos cognitivos, na aquisição das inúmeras habilidades necessárias à leitura. Ao se aproximar de elementos significativos e ser capaz de jogar com esses elementos, o professor os reconstroi, desenvolvendo-se de modo prazeroso e significativo no domínio da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade composta de diferenças sociais econômicas e culturais. Cada indivíduo possui uma leitura de mundo para aprender a ler e escrever, é preciso aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto. O trabalho com a leitura não deve ser realizada numa manipulação mecânica de palavras e sim numa relação dinâmica de modo que haja vínculos entre linguagem e realidade. *A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo.* (FREIRE, 2000 p. 8)

A leitura é produzida em condições determinadas, ou melhor é produzida em um contexto sócio histórico que deve ser levado em conta. Porém nem sempre os professores consideram essa leitura do aluno, acabam sufocando-os com textos de livros didáticos ou até com leituras que não trazem interesse para os alunos.

Leituras “chatas”, transformam o aluno num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes. Partindo da teoria de que o manuseio é importante para desenvolver o apego ao livro, o comércio tem sabido explorar com criatividade esse princípio. Já temos, para crianças com pouca idade, livros laváveis, cujo objetivo é proporcionar o contato físico da criança a “leitura”. Esse primeiro contato estabelece relações da criança com o livro, relações esta que consideramos fundamental.

Sabemos também que a ausência do leitor é contrabalançada pela falta de bibliotecas escolares devidamente equipadas, ou seja em local apropriado, bibliotecários formados e atualização do acervo. O desenvolvimento do chamado “habito” de leitura muitas vezes fica no nível do idealismo pela falta de livros e profissionais que atendam aos leitores.

A concepção de leitura dos professores avançam em relação a décadas passadas, mais

ainda existem sérias questões para serem refletidas no que tange ao trabalho com a leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que completam. 39ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.
- GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. Colação na sala de aula, 2ª ed., São Paulo: Editora Ática, 1999.
- KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura. Teoria & Prática. 6ª ed., Campinas São Paulo: Pontes, 1998.
- MARTINS, Maria Helena. O Que é leitura. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 4ª ed. São Paulo: Campinas, Cortez, 1999.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa: Ensino de primeira a Quarta Série, Secretaria de Educação Fundamental- Brasília, 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da leitura – 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SORDI, Rose Magistrando a Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1991.

ANEXOS

QUESTIONAMENTOS - PROFESSORES

1 – O que é leitura para você?

2 – Como você trabalha leitura em sala de aula?

3 – Nas suas aulas de leitura, você propõe atividades que levam o aluno a fazer suas descobertas e usar o próprio raciocínio?

4 – De que maneira você passa para seus alunos a idéia de que a leitura é importante no dia-a-dia deles?

5 – Na sua opinião o professor que não é leitor que não é leitor tem condições de formar em bom leitor?

6 – Quais aspectos você considera importantes ao avaliar a capacidade de leitura do seu aluno?

7 – Você acha que o professor de Língua Portuguesa deve considerar a leitura de mundo do aluno, ou você acha que só deve ser levado em conta o que o professor ensina?

QUESTIONAMENTOS – BIBLIOTECÁRIA

- 1 – Os professores consultam a biblioteca?
- 2 – Os professores usam mais livros de pesquisa ou livros de historinhas?
- 3 – Eles usam os livros na sala de aula, com as crianças, ou levam os livros para casa?
- 4 – Os alunos pegam livros emprestados da biblioteca?